



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE VITÓRIA DA CONQUISTA: VIVÊNCIAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS.

MARIA EDUARDA CARDOSO RODRIGUES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

CLAUDIONOR ALVES DA SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

Resumo

O presente trabalho busca analisar os desafios relacionados à alfabetização no Brasil, destacando os baixos índices que ainda persistem e comprometem a democratização do acesso ao conhecimento. A reflexão desenvolvida contempla, inicialmente, as práticas pedagógicas que historicamente dominaram — e em muitos casos ainda predominam — no cotidiano das salas de aula, questionando sua eficácia diante das demandas contemporâneas de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Práticas pedagógicas.

Introdução

A alfabetização constitui-se como um dos pilares fundamentais do processo educativo, uma vez que viabiliza o acesso ao conhecimento, à autonomia intelectual e à participação plena na vida social. Todavia, o Brasil ainda enfrenta índices insatisfatórios nesse campo, que refletem desigualdades históricas e estruturais profundamente enraizadas. Tal realidade evidencia não apenas a carência de políticas públicas eficazes, mas também a permanência de práticas pedagógicas tradicionais que, embora modificadas ao longo do tempo, continuam a predominar no cotidiano escolar, nem sempre atendendo às demandas de aprendizagem dos estudantes.

Nesse contexto, torna-se imprescindível analisar de que maneira as políticas educacionais têm contribuído ou deixado de contribuir para o enfrentamento das dificuldades relacionadas à alfabetização. A discussão proposta por Elias José (2007) em “Uma escola assim quero para mim”, apresenta-se como referencial relevante, uma vez que problematiza métodos escolares vigentes e projeta alternativas voltadas para uma educação mais afetuosa, inclusiva e

1. Discente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Bolsista do PIBID no curso de Pedagogia;
2. Professor do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), lotado no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH).



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

significativa.

As reflexões aqui desenvolvidas dialogam, ainda, com os debates e anotações realizadas em sala de aula, que oferecem subsídios teóricos e práticos para a compreensão crítica da realidade educacional brasileira.

Diante desse cenário, o presente trabalho tem como objetivo examinar os desafios da alfabetização no Brasil, discutir as práticas pedagógicas que ainda prevalecem no espaço escolar, e articular essas análises às proposições delineadas em “Uma escola assim quero para mim”, e aos escritos de Magda Soares de modo a contribuir para a construção de perspectivas mais consistentes acerca da formação escolar no país.

Marco Teórico: A Alfabetização no Brasil

A alfabetização no Brasil constitui um campo de estudo multidimensional, marcado por diferentes concepções pedagógicas, políticas públicas e contextos socioculturais. A discussão sobre como ensinar a ler e escrever atravessa a história da educação brasileira, revelando tensões entre teorias tradicionais e abordagens inovadoras. Historicamente, a alfabetização foi entendida apenas como a aquisição mecânica do código escrito. Essa visão reducionista, conhecida como tecnicista, priorizava o domínio das correspondências entre letras e sons, desconsiderando os usos sociais da leitura e da escrita.

A partir da década de 1980, sob forte influência da psicogênese da língua escrita de Ferreiro e Teberosky (1999), houve uma mudança significativa, pois a alfabetização passou a ser compreendida como um processo ativo, em que a criança constrói hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita. Essa perspectiva rompe com a ideia de que alfabetizar é apenas decodificar, reconhecendo o processo como parte de práticas mais amplas de letramento. Nessa linha, Soares (2003) diferencia alfabetização, entendida como o domínio do sistema alfabético-ortográfico, de letramento, compreendido como o uso social da leitura e da escrita, destacando que ambos são processos indissociáveis na formação do sujeito.

O conceito de letramento, introduzido no Brasil nos anos 1990, ampliou o debate sobre a alfabetização. Para Soares (2003), não basta apenas aprender a ler e escrever, mas é necessário compreender como a leitura e a escrita funcionam em diferentes contextos sociais. Assim, a alfabetização ganha um caráter cultural e político, pois possibilita a inserção do sujeito nas práticas sociais mediadas pela linguagem. Nesse sentido, Paulo Freire (1989) trouxe uma dimensão crítica ao processo alfabetizador, defendendo que aprender a ler e escrever é,



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

sobretudo, aprender a 'ler o mundo', ou seja, compreender a realidade para transformá-la. Dessa forma, a alfabetização ultrapassa o nível técnico e se articula a uma perspectiva emancipatória.

Ao longo da história, diferentes programas foram implementados no Brasil para enfrentar os altos índices de analfabetismo e as dificuldades na alfabetização inicial. Entre eles destacam-se o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado em 1967, com foco em jovens e adultos, mas criticado por sua visão instrumental (PAIVA, 2003); o Programa Nacional de Alfabetização (PNA), desenvolvido nos anos 1960 e inspirado nas propostas freireanas, mas interrompido pelo regime militar; o Programa de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), lançado em 2012, que buscava garantir a alfabetização das crianças até os oito anos de idade (BRASIL, 2012); e a Política Nacional de Alfabetização (PNA), de 2019, que retoma debates sobre métodos fônicos e a centralidade da consciência fonológica no processo de alfabetização (BRASIL, 2019). Essas políticas revelam como a alfabetização é um campo permeado por disputas teóricas e metodológicas, ora centradas em perspectivas mais tradicionais, ora em abordagens construtivistas e socioculturais.

Apesar dos avanços, o Brasil ainda enfrenta grandes desafios. Entre eles, destacam-se os altos índices de analfabetismo funcional, a persistência da desigualdade social que impacta diretamente o acesso à leitura e à escrita, as divergências metodológicas que dificultam a consolidação de práticas pedagógicas mais efetivas e a necessidade de formação continuada dos professores alfabetizadores.

Diante disso, a alfabetização deve ser pensada de forma ampla, articulando aspectos cognitivos, sociais e culturais, reconhecendo a diversidade linguística do país e garantindo o direito à educação de qualidade para todos.

Metodologia

O presente trabalho trata-se de um estudo de cunho qualitativo cuja pesquisa de campo deu-se em escolas da rede municipal de ensino de Vitória da Conquista, Bahia. Os instrumentos para a construção dos dados se deu por meio da observação in loco e da entrevista. A observação foi realizada em duas salas de aula, sendo uma turma de alfabetização (6 anos) e uma turma do 2º ano do ensino fundamental. Após as observação, realizamos uma entrevista com cada uma das 2 (duas) professoras (aqui denominadas P1 e P2) participantes deste estudo.

Esses instrumentos foram utilizados para melhor compreender como ocorre o processo de alfabetização e as estratégias utilizadas são praticadas no cotidiano da sala de aula. A observação in loco possibilitou-nos compreender as relações entre o que foi dito em entrevista e o realizado,



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

do mesmo modo que foi possível identificar o método de alfabetização usado com os alunos, além dos procedimentos, dos recursos e a verificação de alcance ou não dos objetivos propostos. Por meio da entrevista procuramos compreender as concepções e as práticas sobre alfabetização e metodologia das professoras.

Resultados e discussões

A professora P1 atua há cinco anos na alfabetização, com formação em Pedagogia e especialização em Neuropsicopedagogia, além de participação em programas específicos como o PNA. Já a professora P2 possui seis meses de atuação, abrangendo turmas do maternal ao 5º ano, sem formação complementar na área de alfabetização. Essa diferença de tempo de experiência e de aprofundamento teórico-metodológico repercute diretamente nas práticas pedagógicas, sobretudo na seleção de métodos e na amplitude das estratégias de ensino.

É possível perceber que P1 adota uma prática híbrida, que integra os métodos fônico, silábico e construtivista, articulando-os a atividades lúdicas, textos significativos e recursos digitais utilizados de forma pontual. Essa abordagem revela uma compreensão de que a alfabetização não se dá de maneira linear e exige constante adaptação às necessidades dos estudantes.

A P2, por sua vez, privilegia o método silábico, com ênfase em atividades impressas e jogos. Sua prática centra-se na relação grafema-fonema, sendo o recurso impresso compreendido como a ferramenta mais eficaz por favorecer a coordenação motora e a fixação do conteúdo. Nota-se, assim, uma prática mais centrada na decodificação da língua escrita.

A prática de P1 aproxima-se dessa concepção ao articular o ensino dos fonemas e grafemas com experiências sociais significativas de leitura e escrita, como o uso de jogos, parlendas, literatura infantil e projetos coletivos, a exemplo do correio da amizade. Dessa forma, a alfabetização é vivenciada em situações reais de uso da linguagem, favorecendo o letramento.

A prática de P2 evidencia uma ênfase maior no aspecto técnico da alfabetização, privilegiando a segmentação silábica e a repetição de atividades escritas. Embora haja adaptação às necessidades dos alunos, observa-se menor exploração das dimensões sociais e culturais da leitura e da escrita. Conforme Magda Soares (2009) defende em seu livro "Alfaletrar".

A obra de Soares (2009) propõe uma escola que seja inclusiva, significativa e comprometida com a formação integral do aluno. Uma escola que valorize as práticas culturais da leitura e da escrita, tornando o processo de alfabetização não apenas uma apropriação técnica, mas também uma experiência de pertencimento social.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Nessa perspectiva, as práticas de P1 mostram maior consonância com tal ideal, na medida em que promovem engajamento, ludicidade e intencionalidade comunicativa. Já as práticas de P2, embora coerentes em termos técnicos, enfrentam limites, sobretudo em turmas multisseriadas e com restrições de apoio pedagógico, o que dificulta a efetivação de um ambiente alfabetizador integral e participativo.

Considerações Finais

Conclui-se, portanto, que a efetividade do processo de alfabetização depende de práticas pedagógicas que superem a mera aquisição técnica do código escrito, promovendo o engajamento dos estudantes em contextos de leitura e escrita com função social. Nessa direção, a prática de P1 demonstra maior sintonia com a concepção contemporânea de alfabetização, enquanto a prática de P2, embora contribua para a aprendizagem, ainda carece de maior aproximação com os pressupostos do Alfabetrar e com o ideal de escola democrática e humanizadora proposto por Magda Soares.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, 2019.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 17. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

JOSÉ, Elias. **Uma escola assim, eu quero pra mim**. São Paulo: FTD, 2007. (Coleção Segundas Histórias). 28 p. Ilustrações de Ricardo Dantas. ISBN 978-85-322-6091-8.

PAIVA, Jane. MOBREAL: uma história de alfabetização de jovens e adultos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 84, p. 63-80, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.